

Capítulo 2

2.1A Cisão no Exército, e a Quem Pertence o Domingo Sangrento?

A partir do crescimento dos protestos por direitos civis católicos e as respostas dos governos local e britânico se inicia um período de grande efervescência e violência política na Irlanda do Norte. Este capítulo tratará de analisar o período que vai de 1968 até – e além – do Domingo Sangrento em 1972. Serão analisadas tanto as disputas internas ao movimento republicano a partir das quais o *Provisional IRA* emerge em 1969 e o *Provisional Sinn Féin* em 1970, quanto as rivalidades externas, entre movimentos nacionalistas – NICRA, SDLP, IRA e *Sinn Féin* - que discordam especialmente sobre os meios, mas também sobre os próprios fins da luta que travam no Norte da ilha¹. Desta forma, será visto como que, a partir deste momento, o PIRA se torna a agência de segurança hegemônica em relação às muitas outras agências que também aparecem neste contexto ligadas à proteção de uma população específica.

Um dos episódios que tem dos maiores pesos simbólicos da história recente do conflito na Irlanda do Norte, o Domingo Sangrento, é, além disso, objeto de disputa entre os principais grupos republicanos e nacionalistas. De um lado, os nacionalistas constitucionais e a NICRA reivindicam seus direitos sobre o episódio que teve, por outro lado, sua memória assimilada pelo *Sinn Féin* e IRA. Mas este evento, quando 14 jovens que participavam de um protesto pacífico em Derry foram assassinados pelo exército britânico em 1972, é apenas um evento, parte da retomada da violência na Irlanda do Norte a partir da luta por direitos civis iniciada na década anterior.

Os anos de 1960 foram anos de grande efervescência política em todo o mundo, quando multidões se uniram em protestos por direitos civis, contra o racismo e o machismo, contra as guerras, contra os valores de sociedades

artificialmente livres e por mudanças políticas efetivas. Nos Estados Unidos explodem as revoltas pelos direitos civis da população negra iniciadas pelo boicote ao transporte público por Rosa Parks e que tiveram em Martin Luther King e Malcolm X seus grandes líderes. Os protestos pelos direitos civis e o movimento do *Black Power* e os panteras negras foram brutalmente reprimidos com violência policial desleal, o que não impediu que o movimento continuasse. Posteriormente, a protestos pela paz e contra Guerra do Vietnã e o movimento *hippie* surgiram nas ruas do país. Na América Latina vários movimentos de resistência às ditaduras tiveram seus manifestantes brutalmente combatidos enquanto diversos grupos de luta armada foram organizados para tentar fazer frente aos regimes opressores. Na Europa, o clima político também era extremamente conflituoso e movimentos populares e estudantis ganhavam as ruas e milhares de adeptos por mudanças políticas em quase todos os países, sendo os mais conhecidos os casos da França, Hungria e Tchecoslováquia. Por todo o mundo movimentos populares exigiam mudanças políticas e culturais. Na Irlanda do Norte não foi diferente e uma onda de marchas pelos direitos civis tomou conta de Derry e Belfast, seguida por uma onda de violência.

Desde 1922, após a divisão da ilha, a Irlanda do Norte era governada através do *Special Powers Act*, que dava poderes especiais ao governo local e à polícia real do Ulster, para manutenção da ordem e da paz local. Além deste, estavam vigentes o *Public Order Act* de 1951 e o *Flags and Emblems Act* de 1954. Sob estes atos, o governo local banira manifestações públicas, publicações e associações, em sua grande maioria republicanas ou nacionalistas.

O IRA se encontrava, nos anos 1960, bastante enfraquecido e silencioso, mas, diretamente inspirada pela luta por direitos civis travada pela comunidade negra norte-americana, foi criada a associação pelos direitos civis da Irlanda do Norte (NICRA), com o objetivo de tornar públicas as discriminações sofridas por uma minoria católica. A NICRA passou a promover toda espécie de protestos não-violentos com cinco *exigências*: uma pessoa, um voto²; o fim do *gerrymandering*;

¹ MOLONEY: 2007 e 2010; ENGLISH: 2007; MCINTYRE: 2008; BOWYER-BELL:1997

² Pela extensão do sufrágio universal para todos acima dos 21 anos. Havia pessoas com direito a mais de um voto, em diferentes distritos eleitorais, por terem propriedade ou pagarem

³ fim da discriminação na política de emprego; fim da discriminação na política de moradia;⁴ e a dispersão dos *B-Specials*.⁵

Graças aos atos especialmente criados para a manutenção da ordem, o governo pôde reprimir e proibir as manifestações que, mesmo assim, continuaram a ocorrer muitas vezes reivindicando o direito de manifestação. Ainda assim, as primeiras manifestações organizadas pela NICRA, a partir de 1968, ocorrem sem grandes conflitos, mas a tensão cresce quando unionistas passam a organizar contramarchas e as proibições geram revoltas populares e ataques sectários. A associação tinha como principais líderes Ivan Cooper e John Hume que juntos fundaram o SDLP em 1970. Desta maneira, a NICRA e o SDLP sempre tiveram uma ligação bastante forte, mas a associação não se restringia ao partido. Muitos membros do IRA, republicanos do partido nacionalista, sindicatos, associações das mais variadas e movimentos de trabalhadores protestantes e unionistas também tomaram parte nas manifestações, ainda que a maioria fosse constituída por católicos.

A repressão aos protestos pelos direitos civis crescia à medida que os protestos iam acontecendo e Derry se tornou o palco do início da violência entre republicanos e unionistas e entre a polícia e republicanos, até que a batalha do Bogside, quando unionistas decidem marchar pela área de maioria nacionalista, desencadeia revoltas por toda a região e a escalada da violência foge do controle. Milhares de católicos são expulsos de certas áreas, tendo suas casas queimadas e a repressão policial do RUC⁶ tem como principal alvo as áreas nacionalistas.

O IRA, então, estava praticamente apagado depois da repressão à sua última campanha nas fronteiras na década de 1950 e a liderança do movimento republicano tendia para um caminho mais marxista, com planejamento de educação de seus voluntários para articulação de agitação social juntamente com

impostos em dois ou mais distritos diferentes, e ainda, pessoas que não tinham direito ao voto por não se encaixarem nas exigências de renda (impostos) e propriedade (impostos).

³ Diz respeito à manipulação das fronteiras dos distritos eleitorais para obtenção de vantagens.

⁴ Esta também relacionada à questão eleitoral, já que a distribuição de moradias era feita de maneira a possibilitar o *gerrymandering*

⁵ *Ulster Special Constabulary* – força armada especial da polícia criada em 1920, de maioria unionista.

⁶ *Royal Ulster Constabulary* – força policial da coroa, de maioria protestante.

os sindicatos, tirando a ênfase da estratégia puramente militar,⁷ mas esta tendência estava se iniciando e uma tentativa de reorganização se encontrava em marcha e, de qualquer forma, pode se dizer que a NICRA surge em resposta aos insucessos das campanhas republicanas até então.

Em panfleto comemorativo dos 10 anos da criação da associação, a NICRA demonstra a insatisfação com o movimento republicano liderado pelo IRA ao longo da história e a necessidade de um caminho novo, não-violento, para os nacionalistas. Há, desde o início, uma disputa pública pela liderança do movimento e definição das políticas a serem seguidas, em oposição ao exército republicano:

*“Led (...) in violence by the IRA, sections of the 'Catholic' minority believed that their rights as individuals could be guaranteed only in an all-Ireland republic. Their political aspirations were articulated with equal ineffectiveness by both protagonists. The IRA carried on campaigns of violence in every decade up to and including the sixties. Each campaign was less effective than the previous one. With the prospect of victory constantly receding, the struggle became an end in itself, a form of sporadic ritual carried over from a period in political history which only Unionist discrimination made relevant.”*⁸

A crítica ao IRA é clara e aberta. Primeiro pode ser observado que a NICRA critica a maneira com que o movimento republicano, através do IRA, enquadra questões como desemprego, moradia e direitos civis como questões de segurança, que só poderiam ser solucionadas com a união do Norte e Sul da Irlanda. As questões sociais da Irlanda do Norte passam a ser entendidas a partir da lógica de insegurança por uma parcela de sua população representada pelo IRA.

De fato, há uma disputa acerca desta categorização e o NICRA pretende dissociar a questão dos direitos civis da lógica de insegurança. A campanha armada do movimento republicano e suas sucessivas derrotas acabariam por colocar os direitos civis sempre condicionadas a um futuro ideal que se tornava cada vez menos provável. Pior ainda, a crítica da NICRA era que, à medida que a “campanha de violência” se prolongava desde a década de 1920 até os anos de 1960, a luta armada teria se tornado um fim em si mesmo, em uma espiral militarista que deixaria de lado discussões acerca de questões não só como os direitos civis, mas como a própria visão de comunidade política.

⁷ HANLEY & MILLAR: 2009

⁸ <http://cain.ulst.ac.uk/events/crights/nicra/nicra78.htm>. Acessado em 15 de junho de 2011

Pode-se ver aqui claramente a política de insegurança, onde reivindicações diferentes sobre segurança entram em choque. As duas visões refletem o imaginário político de cada uma das organizações, de como deveria ser organizada a comunidade política: ambas em prol do nacionalismo irlandês, mas divergentes em todos os sentidos de como atingi-lo. A segunda crítica da NICRA ao IRA e aos políticos ligados ao republicanismo diz respeito à política do abstencionismo do movimento. Ao se recusarem a assumir seus postos quando eleitos, os republicanos estariam simplesmente se afastando da possibilidade de garantir e lutar pelos direitos daqueles que representam. Neste sentido, a fundação do SDLP, gerado dentro da NICRA, reflete as visões do movimento pelos direitos civis, favoráveis às negociações dentro das instituições, sem radicalismos que tornem a melhoria das condições da comunidade somente inteligíveis se atreladas ao advento de uma Irlanda unida.

A NICRA é organizada para fazer frente ao republicanismo tradicional⁹ que reduzia as opções da comunidade católica em particular e da classe trabalhadora em geral. A NICRA cresce através da coordenação entre outras associações e grupos pré-existentes de forma a criar uma estrutura democrática de maneira que o comitê eleito abrigasse representantes de diferentes setores da sociedade, diferentes partidos políticos e diferentes visões políticas onde o debate e a não-violência seriam a solução para as injustiças sociais em primeiro lugar. Deste modo, o grupo e, posteriormente o SDLP, se caracteriza pelo nacionalismo reformista em oposição ao republicanismo revolucionário do IRA.

Depois de tantas campanhas militares frustradas, o IRA não estava cego à realidade e a liderança via cada vez mais a necessidade de mudanças na sua política, ao contrário do que pregavam os críticos ao exército. No início da década, a liderança havia tomado uma curva à esquerda do caminho trilhado pelo movimento republicano durante as décadas anteriores. A figura central responsável por esta mudança foi Cathal Goulding, chefe de *staff* do exército de 1962 a 1969 – quando houve o racha da organização e Cathal se manteve na liderança do *Official* IRA. Inspirados pelo crescimento dos movimentos de esquerda ao redor do mundo, Cathal Goulding, Seán Garland e Roy Johnston

perceberam que o rumo puramente militar e nacionalista havia esgotado as possibilidades de sucesso do movimento e era necessário pensar estratégias para além destas questões. Diferentemente do que haviam feito os socialistas que abandonaram o movimento nos anos de 1930, os socialistas de agora estavam decididos a convencer o restante do movimento de suas ideias.

O movimento republicano irlandês, ou melhor, sua liderança, sempre teve elementos socialistas, mas a sua base de apoio se mantinha conservadora, de maneira que os discursos da liderança variam de acordo com seu público, já que somente através da educação, a base de apoio e os voluntários, passariam a aceitar estas ideias. Assim, Goulding, Garland e Johnston, homens de Dublin, e seus companheiros estabelecem diversas mudanças dentro do IRA.

Uma forte campanha armada no Norte acabava desestabilizando e dividindo a classe trabalhadora local, impedindo-os de se organizarem em união – católicos e protestantes - e mantendo uma situação de instabilidade que só estava sendo útil para o governo unionista local e para o imperialismo britânico. Era necessário um foco maior na agitação social e não somente na guerra e foi criado, em 1965, o Departamento de Educação Política, responsável pela organização de cursos ministrados aos voluntários nos campos de treinamento. Naturalmente, alguns membros do Conselho de Guerra viram com desagrado esta dispersão de energia que deveria ser focada na guerra, mas mesmo assim foram traçados planos para o desenvolvimento das atividades dirigidas à agitação social; um grupo chefiado pelo Chefe de *Staff* passaria a promover uma integração maior e coordenação junto aos sindicatos, com o objetivo de torná-los mais revolucionários; comitês deveriam ser organizados para atuar em questões relacionadas com as campanhas pelos direitos civis.¹⁰ O recrutamento de voluntários não deveria mais ser feito a partir de um “apelo emocional às armas” e seu treinamento passaria a ser focado, em primeiro lugar, nos objetivos econômicos e sociais da luta, e não mais somente relacionados a questões militares.¹¹

⁹ Apesar de, no século XVIII, o republicanismo ter tido repercussão na Irlanda, o republicanismo que aqui eu chamo de tradicional diz mais respeito ao nacionalismo e seus objetivos se reduzem à retirada do domínio britânico e Irlanda Unida.

¹⁰ Estes comitês não seriam ligados à NICRA

¹¹ HANLEY & MILLAR: 2009

Esta direção estava afastando o IRA da luta armada, ao menos o necessário para que as mudanças e a reorganização fossem implementadas e, além disto, este mesmo setor da liderança começava criticar a política do abstencionismo do movimento, já que muito mais poderia ser feito a partir de dentro. Todas estas reformas e trabalhos nos bastidores fizeram com que o IRA saísse um pouco de cena – ao menos da maneira que se esperava que atuassem – enquanto os protestos e a agitação aumentavam na Irlanda do Norte.

As marchas eram quase sempre seguidas de diversos enfrentamentos entre unionistas e republicanos; os aparelhos de repressão do governo local eram mobilizados e direcionados principalmente às áreas nacionalistas do Ulster. Em 1971, o primeiro ministro Brian Faulkner e a Assembleia da Irlanda do Norte, instituíram mais uma vez medida especial que permitia a prisão sem julgamento por tempo indeterminado de suspeitos de terrorismo. A mesma medida que havia sido usada de 1956 a 1961, o que gerou um grande enfraquecimento e desmobilização do IRA, ia contra a convenção pelos direitos humanos do Conselho da Europa, assinada pelo Reino Unido em 1950. A convenção só permite exceções no caso de algum país europeu se encontrar em estado de guerra, e Faulkner, à época, justificou o uso da medida dizendo que o governo da Irlanda do Norte estaria “simplesmente em guerra contra o terrorismo.”¹² Embora houvesse inúmeros grupos armados unionistas, somente cerca de 7% dos presos sob este regime especial eram protestantes.

De qualquer maneira, a partir do momento em que foi televisionada a repressão policial a uma marcha organizada pela NICRA em 1968 e que levou cerca de 90 pessoas aos hospitais da região, o movimento passou a receber apoio internacional e a violência, na Irlanda do Norte, se espalhou novamente por todos os principais centros urbanos. As revoltas e conflitos foram especialmente numerosos em Derry e Belfast e as vizinhanças de maioria nacionalista tinham pouca proteção policial, tornando-se palcos de enorme violência.

A falta de prontidão do IRA e sua relutância quanto à tática a ser adotada em face às agitações no Norte agravaram o sentimento de insegurança de uma parcela da população católica, enquanto os protestos ganhavam força e apoio

¹² http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/august/9/newsid_4071000/4071849.stm
Acessado em 12 de maio de 2011

internacional contra a repressão policial e os ataques sectários que beiravam a guerra civil.¹³ Apesar de estarem tomando um caminho mais em consonância com os movimentos sociais representados pela NICRA, a facção tradicionalista dentro do IRA ganhou força a partir da escalada da violência.

O papel principal do IRA no Norte era a proteção das áreas nacionalistas, e, agora, este papel não estava sendo cumprido. A liderança de Goulding que enfatizava a luta social e econômica em detrimento da militar poderia servir para Dublin, mas em Belfast esta ênfase só poderia ser levada a cabo se as áreas republicanas estivessem protegidas, já que estavam submetidas a questões de segurança para os tradicionalistas republicanos. O problema se agrava quando o governo britânico envia o exército para o local em 1969, e há um acirramento da repressão e da violência.

Gerry Adams, natural de Belfast, tinha alguma simpatia pelos ideais de Goulding, ao contrário de seu pai, seu tio e inúmeros amigos da família que apoiavam a facção tradicionalista. Sua situação era um pouco ambígua justamente por transitar entre estes dois grupos internos do IRA. Adams apoiava a ênfase de Goulding em questões consideradas políticas e participava dos cursos e palestras promovidos pela liderança, mas era crítico ao fim do abstencionismo. Outro desacordo de Adams com Goulding era acerca da ideia de trabalhos intercomunais, da promoção da união entre católicos e protestantes em prol da revolução socialista. Em Belfast a divisão entre as duas comunidades era profunda demais para que pudesse haver cooperação naquele momento, para Adams e outros membros do IRA nascidos no local, diferentemente do que pudesse pensar a liderança baseada em Dublin.¹⁴

A pressão dos homens de Belfast sobre Goulding aumentou quando se percebeu que o IRA não tinha armas, nem treinamento o suficiente para defender as áreas nacionalistas no Norte. Os tradicionalistas estavam enfurecidos, a rotina e o treinamento dos voluntários foram prejudicados pelas mudanças políticas feitas pela liderança, verbas que deveriam ser direcionadas para a compra de armas havia sido desperdiçada na criação de programas de educação política. Ao se

¹³ WILLIAMSON: 2007

¹⁴ MOLONEY: 2007

desviar da tradição da instituição¹⁵, Goulding havia falhado em sua função mais básica - a de garantir a segurança da população republicana na Irlanda do Norte - e era considerado o culpado pelas mortes que estavam ocorrendo durante os tumultos na região.

A base de apoio do IRA em Belfast e Derry havia se desapontado com o exército e sua legitimidade junto a essa população foi fortemente abalada a partir do momento em que a insegurança dominava suas vizinhanças. A autoridade do IRA vinha justamente da política de segurança, da sua construção enquanto protetor de uma população em um ambiente hostil onde viviam como refugiados em seu próprio território. Os irlandeses, vítimas do imperialismo britânico e dos quase 50 anos de governo unionista e que viviam em um Estado artificial – já que a Irlanda estava dividida – só iriam ter seus direitos garantidos quando o IRA garantisse a retirada do invasor e a Irlanda unida. Ao longo do tempo, sua legitimidade fora construída a partir deste discurso, da securitização da (falta de) condição de cidadania dos republicanos no Norte.

Quando a violência se espalha mais uma vez e o IRA não deu sinais de capacidade técnica de cumprir o seu papel, sua legitimidade começa a se dissolver. Um grupo de dissidentes insatisfeitos se organizou, então, para pressionar a liderança do exército em Belfast – ainda fiel a Goulding – durante uma reunião entre os comandantes do IRA no Norte em setembro de 1969. Os homens¹⁶ armados demandaram a renúncia de Billy McMillen, liderança de Belfast, que se recusou a deixar o posto. Após horas de discussão, ficou decidido que o IRA de Belfast iria se afastar do controle de Dublin por três meses, durante os quais iriam angariar armas e alguns dos dissidentes seriam reincorporados ao *staff* operacional de McMillen enquanto aguardavam que Goulding abandonasse sua estratégia, caso contrário, McMillen seria substituído e o IRA de Belfast passaria a ser dirigido pelo Comando do Norte, independente de Dublin.¹⁷

¹⁵ Na verdade, Goulding seguia ele próprio também uma tradição do movimento republicano, na linha de Connolly, pela mobilização social, econômica e militar ao mesmo tempo, que levaria à implementação do socialismo na Irlanda. Apesar disto, a tradição militarista e puramente nacionalista foi hegemônica ao longo do tempo.

¹⁶ Adams se encontrava entre estes homens, apesar de não se tratar de um dissidente, mas de um membro ativo do IRA.

¹⁷ BOWYER-BELL: 1997, MOLONEY: 2007

Durante a segunda metade do ano, o medo e a insegurança reinavam nas vizinhanças nacionalistas na Irlanda do Norte, e, cada vez mais, crescia o apoio à facção tradicionalista do exército republicano. Apesar disto, Goulding prosseguiu tentando convencer o movimento de que as mudanças por ele propostas eram necessárias e insistia na necessidade de se abandonar o abstencionismo. Para isto, recrutou Seán Garland para que montasse uma comissão interna com o objetivo de avaliar qual seria a atitude do movimento com relação à questão. O resultado da comissão liderada por um dos maiores aliados de Goulding foi a recomendação de que os republicanos passassem a assumir seus cargos em todos os três parlamentos – irlandês, norte-irlandês e britânico. O Conselho de Guerra, agora com membros extras, endossou esta recomendação por 12 votos a favor, quatro contra e quatro abstenções.¹⁸

Durante a convenção do IRA, em dezembro, a facção contrária à política de Goulding decidiu abandonar o local e eleger um novo Executivo e Conselho de Guerra provisórios, fiéis às doutrinas e princípios tradicionais do movimento republicano. Estas mudanças só poderiam ser ratificadas e efetivadas por uma nova Convenção Geral do IRA, mas a notícia da divisão do movimento se espalhou e o grupo provisório deu sua primeira declaração pública afirmando sua fidelidade à tradição republicana e que teriam a lealdade da maior parte das unidades do IRA. Estavam instituídos o IRA Oficial (OIRA) e o Provisório (PIRA). Anos mais tarde, Gerry Adams diria que o maior problema da liderança de Goulding não era a política do fim do abstencionismo em si, mas a incapacidade de perceber que esta não poderia ser a prioridade naquele momento, enquanto a violência aumentava no Norte.¹⁹

O próximo passo de Goulding e do movimento republicano deveria ser aprovar o fim da política do abstencionismo no âmbito do partido, do *Sinn Féin* e, para tal, a medida deveria ser colocada em votação na *Ard Fheis*, ou convenção anual, do partido em Dublin no ano seguinte e ser aprovada por uma maioria de pelo menos dois terços. Assim, em 1970, a liderança conseguiu garantir, por pouco, a maioria e o princípio do abstencionismo foi derrubado graças à pressão de Goulding e a constituição do partido foi modificada.

¹⁸ MOLONEY: 2007

¹⁹ ENGLISH: 2007

Para que o abstencionismo fosse definitivamente abolido, a constituição do IRA deveria agora ser também alterada, o que parecia inevitável já que o Conselho de Guerra já havia aprovado a recomendação e a constituição do *Sinn Féin* havia sido alterada. Os dissidentes, percebendo que iriam ser derrotados, abandonaram a convenção do partido e estabeleceram o Executivo de seu próprio *Sinn Féin*, o *Provisional Sinn Féin*, cujo presidente eleito foi Ruairi O'Bradaigh.

Gerry Adams e sua unidade de Ballymurphy só se aliou oficialmente ao PIRA alguns meses mais tarde quando 15 das 16 unidades do Norte já haviam abandonado Goulding. Devido a esta relutância e ao fato de Adams haver circulado pelos dois grupos, por um lado apoiando a guinada à esquerda de Goulding e por outro criticando sua incapacidade de dar segurança, a integridade da população à qual deveriam proteger, e ao fato de que sua rede familiar ser alinhada à facção tradicionalista, Adams sofreu grandes críticas, a maior delas de que teria esperado para observar que lado sairia vitorioso para depois se juntar a ele. De qualquer forma, os relatos sobre a questão são contraditórios.

A liderança do novo IRA era formada por homens tradicionalistas, que haviam feito parte da última grande campanha armada no final dos anos de 1950 e que defendiam a luta armada como o único caminho possível a ser seguido para conseguir seu objetivo de uma Irlanda unida e livre do domínio britânico, e as incursões na política eleitoral não eram vistas com bons olhos. Houve um retorno à visão tradicional de que nada poderia ser construído enquanto a situação (temporária) da divisão da Irlanda não fosse militarmente superada.

Se a liderança do movimento oficial havia decidido mudar de rumo, poderia se esperar que a maioria dos voluntários acompanhasse a liderança. O problema é que a maioria dos voluntários e a base de apoio do IRA sempre foram extremamente conservadoras e inclusive, em plena guerra fria, anticomunista. Se os debates que ocorriam nas convenções da liderança eram tingidos de vermelho, os debates que aconteciam nas bases eram tingidos de verde.

O PIRA conquistou o apoio da maioria do movimento através de um discurso conservador e até mesmo religioso e o novo Chefe de *Staff*, Sean MacStiofain é um exemplo perfeito do novo (antigo) rosto do exército republicano. MacStiofain já havia tido divergências públicas com Goulding, inclusive quando havia pedido a expulsão de Roy Johnston devido ao seu passado

ligado ao Partido Comunista, já que, de acordo com as regras do IRA, há uma proibição específica aos voluntários de se juntarem ao PC. Assim, o novo IRA passa a ser liderado por conservadores militaristas em oposição ao que era visto como o “socialismo extremista dos revisionistas” cujo objetivo final seria instaurar na ilha uma “ditadura marxista que não seria mais inaceitável do que o imperialismo britânico ou o capitalismo do Estado Livre [a república da Irlanda].”²⁰ A maioria dos homens da nova liderança do IRA ainda vinham da república, com exceção de Dublin, onde Goulding mantinha maior influência.

A própria liderança de Goulding e seus companheiros sabiam desta tendência conservadora da base: era justamente para lidar com esta tendência que havia sido criado o Departamento de Educação Política. A ideia era uma mudança de racionalidade de segurança para outra, tanto ideologicamente quanto em termos de técnica e rotinas institucionais, mas a resiliência da tradição do IRA se mostrou muito mais poderosa quando a tradição da violência e repressão do aparelho estatal se agravou no Norte.

Os *officials* continuaram suas atividades pacíficas e militares – por vezes em conjunto com o PIRA - em paralelo, até a transformação do *Official Sinn Féin* em *Workers Party* na década de 1980, quando optaram pelo uso da via política em detrimento da luta armada. De qualquer maneira, o *Official IRA* já havia perdido sua força ao declarar armistício em 1972 e seus membros eram mais associados com roubos e outros crimes comuns do que com a luta armada, ou ao menos esta é a imagem do grupo. Tal decadência não se deu de maneira tão pacífica e, como se poderia supor, houve mais uma divisão dentro do *Official Sinn Féin* e *Official IRA* em 1974, quando uma facção mais radical fundou o *Irish National Liberation Army* (INLA) e o Partido Republicano Socialista Irlandês (IRSP).

Os voluntários do IRA e da maioria dos grupos armados locais não se juntavam a essas organizações primeiramente por ideologia e sim por motivos mais práticos: em reação à violência sofrida por eles ou amigos e familiares. A ideologia vinha depois, através da educação promovida dentro da própria instituição. Uma ampla pesquisa sobre as bases dos grupos armados na Irlanda do

²⁰ MOLONEY: 2007

Norte, feita através de entrevistas com os ex-prisioneiros demonstrou, exatamente isto com relação às motivações dos voluntários.

Shirlow, Tonge, McAuley e McGlynn foram os responsáveis pela pesquisa que teve como objetivo principal propor um nível de análise não-elitista, focado não nos grandes atores, políticos famosos, mas nos prisioneiros, nos voluntários, que determinam o rumo do movimento tanto quanto a liderança, como pôde ser visto no caso da divisão entre PIRA e OIRA, quando, mesmo com o aval da liderança para as mudanças políticas, a maioria dos voluntários decidiu engrossar as fileiras dissidentes do PIRA. Seu estudo demonstra, dentre outras coisas, que as experiências pessoais e fatores situacionais específicos foram mais importantes para a decisão de se juntar à luta armada do que crenças históricas ou tradições familiares. A motivação para se entrar na guerra é mais uma reação. O desenvolvimento ideológico vem depois.²¹

Danny Morrison descreve a sua decisão de se juntar ao IRA como impulsionada, primeiramente pelo inevitável interesse por política de alguém que cresceu no Oeste de Belfast, pelos direitos civis e, quando a situação se deteriorou a tal ponto, a simpatia pela luta armada o impulsiona a se juntar ao grupo. Ainda que seus motivos sejam mais ideais do que práticos, se trata da narrativa de um dos líderes do movimento, responsável justamente pela sua propaganda durante alguns anos. Desta forma, ele se retrata como alguém que sempre quis ser escritor, mas que teve seus sonhos interrompidos pela necessidade de luta armada e que, agora, pôde finalmente seguir o rumo que sempre pretendeu e escrever. Isto não quer dizer que esteja mentindo sobre os motivos de sua entrada, mas que se trata de alguém refinado e militante, que travou batalhas propagandísticas com o governo britânico e, pode se dizer, foi bastante bem sucedido.²²

Anthony McIntyre, por sua vez, extremamente crítico com relação aos rumos tomados pelo republicanismo atualmente – e, por isso condenado ao ostracismo em Boston – apresenta uma versão mais crua dos motivos que o fizeram se voluntariar à luta armada:

“Although I had an awareness of the IRA tradition what propelled me into its ranks was repression on the streets in the form of British militarisation, injustice, killings, brutality, experiences of sectarianism, a feeling that it was not immoral to

²¹ SHIRLOW et alii: 2010

²² Ver Anexo I

be in the IRA. Weaved into all that was the youthful attachment to the excitement of it all. I had been a rioter and was involved in all manner of low level activity before joining the IRA."²³

Naturalmente, se as reações à repressão e à violência eram mais importantes do que a ideologia e as tradições em um primeiro momento, num segundo momento, a ideologia era fundamental para a manutenção destes voluntários em combate. Neste ponto a grande importância das práticas discursivas, da política como espetáculo, é clara e o uso de linguagem com grande apelo e significado histórico, os princípios e tradições, são fundamentais para a educação e manutenção destes voluntários, assim como para a legitimação pública da luta e da organização.

O IRA precisava retomar sua legitimidade, não somente no discurso, mas na prática e demonstrar sua capacidade técnica de promover segurança aos seus e o PIRA deu então início à sua campanha militar no Norte, Sul e em território inglês, para desespero da NICRA.

Sempre em oposição ao enquadramento da questão dos direitos civis como questão de (in)segurança, a NICRA atribui ao PIRA suas derrotas políticas. A associação, já dividida internamente pela sua organização democrática, havia obtido progresso em alguns fronts. Os B-Specials seriam desmantelados e a segurança ficaria a cargo do exército britânico que foi enviado à Irlanda do Norte em 1969 depois da escalada da violência e a RUC seria desarmada. O exército britânico foi muito bem recebido pela comunidade nacionalista que esperava que isto levasse ao fim da violência e desigualdade no policiamento da RUC e B-Specials, mas a lua de mel durou pouco quando houve um novo aumento da violência sectária.

A NICRA culpa o PIRA pelo retrocesso do que considerava vitórias do movimento pelos direitos civis e, no contexto da disputa com o IRA pela condução da política nacionalista, ela se legitima publicamente através da tentativa de deslegitimação do exército republicano:

"Back on the streets the RUC were issued with flak jackets and bullet proof vests on February 28. Having been attacked by Provisional gunmen on several occasions the least they could expect was protection, and in the face of continuing attacks they could justifiably ask to be re-armed. Thus one of the primary victories of the civil rights campaign -the disarming of the RUC in 1969 - was wiped out by

²³ MCINTYRE: 2010

*the Provisionals in 1971 when the force was rearmed. NICRA disarmed them, the Provisionals re-armed them. Throughout the spring and early summer of 1971 the Provisionals pressed on with their campaign. Thriving in the atmosphere of sectarian fear and bouyant with the Stormont Government's failure to act on the civil rights demands, the Provisionals were able to once more identify the question of civil rights with the abolition of the state.*²⁴

Um dos episódios mais emblemáticos da luta republicana foi o Domingo Sangrento. Já depois de ter perdido grande parte de sua capacidade de mobilização e atenção internacional, mas ainda forte graças à política repressora do governo, uma marcha pelos direitos humanos foi organizada em Derry, em 1972 pela NICRA. A marcha deveria ser pacífica e seus organizadores, dentre eles, Ivan Cooper, agora eleito MP pelo SDLP, haviam recebidos garantias tanto do OIRA quanto do PIRA de que não haveria interferência das duas organizações ao longo do protesto. Ainda assim, homens dos dois grupos participaram do evento, supostamente desarmados, inclusive Martin McGuinness o segundo homem na escala de comando do PIRA da cidade de Derry e atual vice primeiro ministro da Irlanda do Norte.

O governo de Stormont havia prorrogado mais uma vez a proibição das marchas, e não havia cedido a nenhuma demanda do movimento pelos direitos civis. A marcha foi levada a diante, apesar da proibição e o exército britânico foi colocado de prontidão ao longo do seu percurso. Entre 15 e 20 mil pessoas compareceram ao protesto pelo fim das prisões aleatórias, pela introdução de representação proporcional no governo, pela abolição total do *Special Powers Act*, pelo direito de organização de grupos políticos, fim da discriminação e pelo estabelecimento de uma força policial imparcial e civil.²⁵

Seguindo ordens superiores, o regimento de paraquedistas abriu fogo contra os manifestantes, matando 13 pessoas na hora, uma 14ª vítima morreria algum tempo depois em decorrência dos ferimentos, a maioria com idade de 17 a 19 anos²⁶. Os resultados político do “massacre de Derry” foram a dissolução do

²⁴ <http://cain.ulst.ac.uk/events/crights/nicra/nicra78.htm>. Acessada em 16 de junho de 2011

²⁵ <http://cain.ulst.ac.uk/events/crights/nicra/nicra785.htm>. Acessada em 16 de junho de

2011

²⁶ O Inquérito Saville, concluído ano passado, indicou, depois de quase 40 anos, a culpa do governo britânico e do exército pelo massacre, que até então era negada, primeiro sob a alegação (insustentável) de que se tratou de uma reação e segundo sob a alegação de que o regimento de paraquedistas havia agido sem ordens superiores. O primeiro ministro britânico, David Cameron,

parlamento local e implementação do *Direct Rule*, administração direta de Westminster sobre a Irlanda do Norte, o fortalecimento do IRA e a desagregação da NICRA.

Ainda que tivesse conseguido reunir por volta de 100 mil pessoas em manifestação em reação ao massacre, a violência, as prisões e os toques de recolher fizeram com que a NICRA perdesse o impulso inicial e afastaram definitivamente as pessoas das ruas. Enquanto isso, devido ao insucesso das vias pacíficas, milhares de pessoas engrossaram as fileiras do exército republicano depois do evento, já que o exército britânico não estaria no local para protegê-los. Em mais uma crítica ao IRA, a associação novamente os culpa pela situação da Irlanda do Norte alguns anos após o início do conflito e procura construir sua própria legitimidade em cima da deslegitimação do rival:

“Their sporadic sectarian war against Protestants and their campaign of murder against civilians has been one of the greatest denials of civil and human rights in recent Irish history (...) they rocketed across the Irish political scene leaving death and destruction, reactionary politics and repressive legislation in their wake, and their present orbit is powered by the continuing sectarianism generated by their own actions. Their production line in martyrs and heroes has provided the raison d’etre for the continuation of their campaign and the living and dead bodies of their members which lie scattered across the prisons and cemeteries of Ireland are mute testimony to the futility of their actions. They did not want British rights. They wanted Irish rights. Their actions have ensured that they now have none of the rights of either nationality, and the rest of us must suffer accordingly”²⁷.

Outro ponto de competição entre a NICRA e o SDLP de um lado e o IRA e Sinn Féin de outro foi a competição pela memória do Domingo Sangrento. Apesar de ter se tratado claramente de uma marcha organizada pela associação pelos direitos civis, o Sinn Féin, após a tragédia ter elevado a marcha ao patamar de divisor de águas da história da Irlanda, passou a disputar os direitos do evento com o SDLP e a NICRA. Na verdade, a própria associação do SDLP com o movimento é alvo de disputas, já que o – sempre mutável – executivo da NICRA se pretendia “apolítico” no sentido de não filiado a nenhum partido.

Como não poderia deixar de ser, o Domingo Sangrento – assim como outros episódios sangrentos da história – passou a ser dotado de grande poder e eco histórico por se tratar de um episódio símbolo de quando a autoridade legal quebra

pediu desculpas públicas pelo evento depois da finalização do inquérito. Está disponível em <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20101103103930/http://report.bloody-sunday-inquiry.org/> Acessada em 16 de junho de 2006

as próprias regras, o que pode ser considerada a pior traição que um Estado pode efetuar.²⁸ Todo ano a memória do evento é celebrada através de diversos eventos, inclusive uma marcha que percorre o mesmo itinerário daqueles presentes em 1972.

Em Derry, dois grupos separados promoveram duas comemorações do primeiro aniversário do massacre. A NICRA promoveu uma cerimônia “oficial” perto da área onde a maior parte das vítimas havia sido morta, que consistia na colocação de uma coroa de flores no local, um ato religioso católico e protestante seguidos de um encontro onde figuras importantes do movimento iriam debater o evento. Os organizadores optaram por não promover uma marcha para evitar possíveis novos confrontos e mortes. A cerimônia ocorre todo ano até os dias de hoje.

Por outro lado, foi organizado em Derry um debate público, em dezembro de 1972, para que fosse decidido como seria feita a celebração de um ano do Domingo Sangrento, dali a dois meses, e foi decidido que a “melhor forma que a população de Derry teria para expressar seu luto pela carnificina de seus conterrâneos deveria ocorrer na forma de uma marcha e reunião (assim como planejado no evento original) e que deveria ser organizada pelo *Sinn Féin*.”²⁹ A comemoração teve um público de cerca de 15 mil participantes.

Este padrão de duas celebrações concorrentes foi repetido ao longo dos anos, o primeiro evento com o objetivo de se evitar quaisquer ligações com partidos políticos, como pretendia a NICRA, era considerado pelos organizadores como sendo o evento “oficial”, já que promovido pelos mesmos organizadores da marcha original.³⁰ Mas era o segundo evento que conseguia maior exposição pública devido ao número de pessoas e uma maior ousadia e este evento era ligado ao *Sinn Féin*, ao republicanismo radical, a pessoas que não tinham relações íntimas com a NICRA, muito pelo contrário, representavam aqueles que a NICRA mais combatia e que julgava responsáveis pela violência e pela derrota do movimento pelos direitos civis: o PIRA.

²⁷ <http://cain.ulst.ac.uk/events/crights/nicra/nicra78.htm>. Acessada em 16 de junho de 2011

²⁸ A maior parte das críticas ao IRA também é feita neste tom, quando a organização provoca a morte ou não protege aqueles a quem devia proteger.

²⁹ DUNN: 2000

³⁰ Ibidem

Por ser organizada pelo *Sinn Féin*, muitas das personagens principais do Domingo Sangrento não poderiam participar da marcha, como o Bispo Edward Daily, cujo rosto estampou muitos jornais na fotografia em que aparecia acenando com um lenço branco manchado de sangue e seguido por alguns jovens que carregavam um homem ferido. O bispo sempre foi crítico das marchas de comemoração organizadas pelo *Sinn Féin* que seriam “exploradas como uma plataforma, pelas mesmas pessoas que eram apologistas de campanhas de violência e assassinatos – a contradição completa do que o Domingo Sangrento significou e ainda significa para mim (...) o tema dominante de muitas destas marchas anuais tem sido militante e pró-violência ao invés de antiviência.”³¹

Apesar de o bispo mais tarde ter se mostrado arrependido de não dialogar com o *Sinn Féin*,³² suas palavras refletem bem o sentimento da grande maioria dos envolvidos na organização do protesto pelos direitos civis que terminou na tragédia do Domingo Sangrento. A NICRA sempre havia condenado os partidos políticos, inclusive o SDLP e sempre tentara ser uma organização independente – apesar de seus fundadores serem os mesmos do SDLP – e, além disto, havia sido sempre especialmente crítica à política do IRA e do *Sinn Féin*. Na disputa pela definição da agenda política para a comunidade nacionalista, a NICRA sempre se colocou em oposição ao *Sinn Féin*, ainda que o *Sinn Féin* não tenha feito o mesmo.

A estratégia do *Sinn Féin* foi mais eficaz. Assim como a Igreja Católica o fez ao longo de séculos com símbolos de outras religiões, o *Sinn Féin* absorveu, ou procurou absorver, o Domingo Sangrento - símbolo da luta pelos direitos civis da NICRA - como símbolo de sua própria luta, do republicanismo em geral. Assim, o Domingo Sangrento passou a representar a crueldade de um exército imperialista invasor contra uma comunidade sitiada em suas próprias terras. O IRA – tanto o oficial quanto o provisório – havia dado uma chance ao protesto (e à paz) e retirado suas armas, mas ainda assim o outro lado havia assassinado a sangue frio 14 homens inocentes.

O massacre e a organização das suas celebrações anuais davam ao IRA muito mais legitimidade do que à NICRA que se afogava cada vez mais no

³¹ *Londonderry Sentinel*, 31 de Janeiro de 1990. Citado por DUNN: 2000

³² DUNN: 2000

excesso de sua própria “democracia apolítica”. O IRA era a força necessária para vingar os mortos e evitar que novos massacres acontecessem e o *Sinn Féin* era o partido que velava pela memória dos mortos e era capaz de organizar grandes passeatas anuais que não permitiriam que fossem esquecidos. A questão dos direitos civis fica inevitavelmente incrustada na lógica da insegurança e dependente da libertação nacional. Com esta estratégia o nome do *Sinn Féin* e do IRA, como representantes oficiais do republicanismo e únicos capazes de libertar a comunidade nacionalista, aparecem ligados a uma possibilidade de justiça frente ao massacre de Derry.

A NICRA, percebendo o impacto gerado pela marcha organizada pelo *Sinn Féin* no primeiro aniversário do evento, decide igualmente organizar uma marcha no ano seguinte para homenagem aos dois anos de massacre, também percorrendo o mesmo percurso da original, além da inauguração de um monumento no local das mortes. O evento fora anunciado ainda em outubro de 1973 para ser realizado no domingo, dia 27 de janeiro do ano seguinte. Mais tarde, a organização decidiu antecipar a celebração para o sábado, dia 26, porque o *Sinn Féin* havia anunciado a sua marcha do aniversário de dois anos do massacre para o mesmo domingo e a NICRA tomou esta decisão de antecipar da marcha para “prevenir qualquer insulto indigno à memória dos mortos” durante a “marcha partidária do *Provisional Sinn Féin*.”³³

Esta marcha “oficial” teve um público de cerca de duas mil pessoas, inclusive, e especialmente, os parentes das vítimas. Foram distribuídos panfletos aos manifestantes com instruções de que evitassem confrontos com qualquer pessoa ou força policial e militar, para que a manifestação fosse pacífica como o Domingo Sangrento deveria ter sido. Apesar disto, após a marcha houve o tradicional ritual de pedras atiradas contra as barricadas do exército e alguns jornais indicaram a presença de dois homens carregando uma grande coroa de flores do OIRA durante a passeata, o que pode ser um indicativo de que as marchas rivais refletiam também a divisão do IRA.³⁴

Alguns anos mais tarde, a NICRA decidiu retornar à mesma cerimônia do primeiro aniversário do Domingo Sangrento: colocação de coroas de flores, agora

³³ *Derry Journal*, 11 de janeiro de 1973. Citado por DUNN: 2000

³⁴ DUNN: 2000

sob o monumento em homenagem às vítimas, inaugurado no segundo aniversário do evento, e a celebração de ritual religioso intercomunal durante um sábado. Em 1976, os organizadores deste evento divulgaram uma declaração onde pediam “àquelas organizações paramilitares que também irão organizar celebrações, que se lembrem dos objetivos que o protesto do Domingo Sangrento tinha. Direitos civis e não guerra civil, fim das prisões, fim da repressão, pela democracia.”³⁵

Apesar de Ivan Cooper ter participado da primeira marcha organizada pelo *Sinn Féin*, nos anos seguintes o tom de rivalidade dos discursos que aconteciam após o evento só aumentou e frequentemente os membros do SDLP eram evocados com adjetivos como traidores, vendidos e até mesmo senis e, naturalmente, não mais participavam destes eventos.

Desta forma, através do uso da memória do Domingo Sangrento, o *Sinn Féin* e o IRA conseguiram maior legitimidade perante a população e o mundo, em um contexto onde outras visões e outras agências disputavam a liderança do movimento nacionalista na Irlanda do Norte. A cerimônia organizada pela NICRA, e mais tarde apenas pelas famílias das vítimas, juntava sempre um pequeno grupo de pessoas, cerca de 50, formado mais por aqueles próximos aos mortos; enquanto o evento organizado pelo *Sinn Féin*, a marcha, conseguia juntar sempre um grande número de pessoas, cerca de cinco mil, ano a ano. As duas comemorações aconteciam por vezes no mesmo dia, a primeira na parte da manhã e a segunda na parte da tarde, sendo que a cerimônia organizada pelo *Sinn Féin* sempre terminava com alguns homens apedrejando *checkpoints* ou ônibus.

O número de pessoas que participavam da celebração, é claro, diminuiu com o passar do tempo, mas a passeata ocorria sempre da mesma maneira: liderando a marcha iam pessoas carregando coroas de flores seguidas por 14 jovens carregando bandeiras negras para simbolizar os 14 mortos e, na frente de todos, seguia um homem carregando a bandeira da Irlanda, seguido por outro, envolto em um lençol.³⁶

Em meados dos anos 1980, a NICRA já estava praticamente inoperante e a cerimônia “oficial” pela memória dos assassinados na década anterior havia

³⁵ *Derry Journal*, 27 de janeiro de 1975. Citado por DUNN: 2000

ficado a cargo de seus familiares. Ainda assim a celebração organizada pelo *Sinn Féin* continuava recebendo críticas dos que haviam tomado parte na organização do protesto original – especialmente do Bispo Edward Daily - e, em resposta a estas críticas, no ano de 1986, foi então criado pelo partido um comitê “independente” chamado de *The Bloody Sunday Organising Committee* que se tornaria o responsável pela organização do evento e de similares, e que seria formado por sindicalistas, familiares das vítimas, artistas e fotógrafos locais. Tal comitê não tinha afiliação com o *Sinn Féin*, não oficialmente, mas em todos os debates que seguiam a marcha, participavam políticos membros do partido que invariavelmente atacavam o SDLP em seus discursos. Este comitê foi o primeiro de uma série de comitês e organizações independentes, confusas, relacionadas ao Domingo Sangrento. Em 1991, o comitê havia se transformado em *Bloody Sunday Initiative* que, além de organizar as marchas e outras celebrações, tinha o papel de pressionar o governo por um novo inquérito sobre o evento, um inquérito realmente neutro, diferentemente daquele assinado por Widgery.³⁷

Esta “Iniciativa” não representava exatamente, porém, as famílias das vítimas que se reuniram no ano seguinte para formar, aí sim, uma organização que representasse todas elas, a *Bloody Sunday Justice Campaign*, com o objetivo de angariar dados suficientes sobre o evento para que pudessem pedir a abertura de um novo inquérito em Westminster, através de John Hume, MP, o que ocorreu em 1997. O final dos anos de 1990 refletia um clima menos acirrado da rivalidade entre SDLP e o *Sinn Féin*, inclusive porque Hume e Adams haviam iniciado os tão criticados encontros secretos no final da década anterior.

Ainda que a rivalidade pareça ter diminuído posteriormente, o fato é que o *Sinn Féin* e o IRA utilizaram a celebração do Domingo Sangrento, apesar de não terem tido parte alguma na organização da marcha original, para se legitimarem perante o público tanto regional – em oposição ao SDLP – quanto internacional. O *Sinn Féin* sendo responsável pela organização do evento mais popular e o IRA fazendo uso da memória dos eventos de 1972 para atrair mais voluntários e justificar a luta armada, conseguiram se erguer como a organização dominante na

³⁶ Numa alusão ao protesto do lençol (*blanket protest*) dos prisioneiros republicanos pelo *status* de prisioneiros políticos e o direito de usar suas próprias roupas que, ao se recusarem a usar o uniforme da prisão, de criminosos comuns, andavam nus, cobertos apenas por seus lençóis.

política republicana/nacionalista da Irlanda do Norte, apesar dos esforços de seus rivais, NICRA e SDLP.

2.2 Conclusão:

A escalada da violência e da repressão sofrida pela comunidade nacionalista na Irlanda do Norte gerou uma grande disputa entre diferentes agências que procuraram se legitimar em oposição umas às outras enquanto agências com o direito e capacidade de definir a agenda a ser seguida pelo movimento republicano. As diferentes organizações cujos limites muitas vezes se misturaram defendiam diferentes plataformas.

Por um lado, no embate interno do IRA, pode ser observado que a tradição das rotinas e práticas do exército republicano são institucionalizadas na forma de uma agência de segurança específica, cujo objetivo específico no Norte é a defesa de sua população, seguido de seu objetivo mais amplo que é o de garantir a retirada do domínio britânico e a união da Irlanda. Este objetivo específico é invariavelmente ligado, através das categorias de inteligibilidade próprias da racionalidade de segurança onde o IRA está submerso, ao objetivo mais amplo, ou seja, as questões da ausência de direitos civis e do preconceito contra a comunidade nacionalista estão invariável e compreensivamente ligadas à luta pela independência, estão ainda definitivamente ligadas à própria integridade física e à segurança da população e vice-versa: a segurança e integridade física da população estão ligadas à necessidade de luta armada e (no discurso de) libertação nacional.

A partir do momento em que a liderança pretende “dessecuritizar” esta questão de maneira a enquadrá-la sob a forma de questão social e econômica, tem início uma divisão no movimento. Esta divisão não se efetiva na forma de racha, em princípio, por se tratar de uma organização cuja estrutura hierárquica é bastante bem definida e consolidada, e a criação do Departamento de Educação Política não fere por demais sua tradição; o movimento segue na curva para a esquerda sem grandes problemas.

³⁷ Tal inquérito só foi aberto no governo de Tony Blair e finalizado em 2010 quando Cameron já havia sido eleito. O custo total do inquérito foi de cerca de 195 milhões de libras.

Quando, porém, a organização se mostra despreparada para cumprir sua tarefa mais básica, a de dar proteção à sua população, é que as mudanças que estavam sendo implementadas pela liderança são irremediavelmente condenadas por desviar o IRA de sua tradição³⁸ nacionalista e militarista. A nova política da organização, agora voltada para a agitação social, da organização havia gerado um déficit nas rotinas de treinamento militar dos voluntários, da compra e manutenção de armamentos, da manutenção do estado de prontidão do exército para dar espaço à educação de seus voluntários e a projetos de ações intercomunais.

Com a escalada da violência no Norte, este déficit técnico do IRA se tornou bastante claro e se provou incorrigível pelas táticas da nova liderança. Apesar da maioria da liderança ter aprovado as mudanças pretendidas na organização, não foi difícil e nem demorado para a facção dissidente provisória conseguir trazer para seu lado a grande maioria dos voluntários. A base de apoio do movimento republicano sempre foi mais conservadora e religiosa, e, por isso, o socialismo era visto com maus olhos pela sua maioria, mas foi devido aos ataques sofridos pela comunidade na Irlanda do Norte e sua situação que o racha se instituiu. As práticas discursivas e tecnocratas são ambas importantes, mas neste caso foi a falha técnica a causa principal que levou à separação da organização e a colocação à força do movimento novamente no seu rumo tradicional.

A repressão, a violência, as prisões, o toque de recolher que foram dirigidos quase que exclusivamente contra a comunidade nacionalista na Irlanda do Norte ajudaram a legitimação do IRA enquanto agência de segurança, e a derrubar qualquer tentativa de se modificar esta organização para uma organização de cunho menos militar e mais reformista. De fato, a legitimidade do IRA residia em grande parte na sua capacidade e obrigação de proteger sua população e o OIRA perde definitivamente esta legitimidade ao declarar cessar-fogo unilateral em 1972, o que gerou um novo grupo dissidente, o INLA.

³⁸ Ainda que a tradição socialista também possa ser considerada uma tradição do movimento republicano, representada especialmente pela figura de Connolly, herói do levante da Páscoa de 1916, esta tradição sempre conviveu com o nacionalismo e paroquialismo, hegemônicos no movimento principalmente desde quando alguns socialistas mais notórios decidiram abandonar o movimento na década de 1930 e seguir outras vias de luta.

Outra questão que foi analisada aqui foi a questão das disputas dentro de um campo mais amplo do que o Exército Republicano Irlandês, no âmbito da comunidade nacionalista em geral. Outras organizações, com diferentes reivindicações sobre segurança também disputavam a legitimidade pela definição da agenda nacionalista. Dentre as diversas organizações em prol da separação entre questões de segurança e questões sociais, e que era constituída por várias delas, estava a Associação da Irlanda do Norte pelos Direitos Civis (NICRA).

A NICRA tem uma relação complicada, com fundadores em comum, com o SDLP, mas ambos defendiam a busca dos direitos civis por via não-violenta. Por vezes a NICRA demonstrava um caráter abertamente nacionalista como o SDLP, mas na maioria das vezes buscava uma caracterização “apolítica” de acordo com suas próprias palavras, mas ainda que dirigida a todos, se tratava de fato de uma organização voltada para a comunidade nacionalista – que de fato não tinha seus direitos protegidos.

A grande disputa se dava entre a NICRA e o SDLP de um lado e o IRA e *Sinn Féin* de outro pela definição da agenda. De certa forma, a política enquanto espetáculo foi mais presente na análise que procurou demonstrar como as práticas discursivas e as práticas ao redor da memória do Domingo Sangrento foram utilizadas na disputa pela hegemonia do movimento. A NICRA sempre criticou o IRA por ligar questões como os direitos civis à questão de segurança e luta armada o que só trabalharia a favor da divisão da sociedade e da manutenção de um regime extremamente fascista na Irlanda do Norte e, por sua vez, a associação defendia uma política de pressão social pacífica pela democratização da sociedade em primeiro lugar, o que poderia ou não ser seguido de uma libertação nacional.

Depois do massacre de Derry, o Domingo Sangrento havia se tornado um poderoso símbolo da repressão de um regime autoritário e insustentável e o *Sinn Féin* tratou de absorver todo este potencial simbólico na forma da organização das marchas pela celebração do aniversário do evento. A NICRA tentou garantir seus direitos sobre a memória do evento por ela organizado, mas, ao optar por uma celebração pequena no primeiro ano e procurar se desvencilhar das marchas organizadas pelo *Sinn Féin*, este último acabou conseguindo uma plataforma bastante poderosa: a memória do Domingo Sangrento, quando aproveitava para desqualificar seus rivais do SDLP.

Outro motivo para a derrota da NICRA foi um motivo ligado à política tecnocrata, o *Sinn Féin* e IRA têm estruturas bastante organizadas e o treinamento dos voluntários, suas obrigações e tarefas, suas rotinas e deveres e suas hierarquias são bem definidos enquanto a tentativa de se construir uma organização verdadeiramente democrática como a NICRA, com representantes do maior número de organizações possível – sindicatos, associações, partidos, universidades, etc. – esbarrou na sua própria democracia. A NICRA não conseguiu formar uma rotina e hierarquia sustentáveis e a diversidade gerou enorme dificuldade na definição de uma estratégia durável. As diversas correntes que corriam em diversas direções acabaram por esvaziar o movimento. Ao contrário, o IRA e o *Sinn Féin* já tinham suas rotinas e hierarquias institucionalizadas e não foi difícil absorver a memória do Domingo Sangrento para estabelecer sua legitimidade.